

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, AGRICULTURA E AMBIENTE - IEAA
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LÍNGUA INGLESA

ESLAYNE ALVES DA SILVA

***AMERICANAH*: UMA ANÁLISE DAS OPRESSÕES ENTRECruzADAS SOBRE
A PROTAGONISTA FEMININA NEGRA**

HUMAITÁ -AM

2025

ESLAYNE ALVES DA SILVA

***AMERICANAH*: UMA ANÁLISE DAS OPRESSÕES ENTRECruzADAS SOBRE
A PROTAGONISTA FEMININA NEGRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como requisito para obtenção do título de Graduação em Letras - Língua Portuguesa e Língua Inglesa.

Orientadora: Prof(a). Dr(a). Elis Regina Fernandes Alves

HUMAITÁ – AM

2025

ESLAYNE ALVES DA SILVA

***AMERICANAH*: UMA ANÁLISE DAS OPRESSÕES ENTRECruzADAS SOBRE
A PROTAGONISTA FEMININA NEGRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Letras – Língua Portuguesa e Língua
Inglesa da Universidade Federal do Amazonas
(UFAM) como requisito parcial para obtenção do
grau de Graduação em Letras - Língua Portuguesa
e Língua Inglesa

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 28/11/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Elis Regina Fernandes Alves - UFAM
Orientadora

Prof. Ms. Laura Miranda de Castro- UFAM
Avaliador

Prof. Dr. Alessandra Soares dos Santos Garcia- UFAM
Avaliador

RESUMO: A presente pesquisa aborda o feminismo negro e a interseccionalidade no romance *Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie. O objetivo principal é analisar a protagonista Ifemelu como uma mulher negra interpelada por estereótipos de gênero, classe e raça. Os objetivos específicos incluem discutir os movimentos feministas, a emergência do feminismo negro e a interseccionalidade na obra. A metodologia é qualitativa, de natureza bibliográfica, com base em autoras como Simone de Beauvoir, Angela Davis, bell hooks, Djamila Ribeiro, Patricia Hill Collins, Kimberlé Crenshaw, entre outras, com foco na análise crítica da narrativa. A análise revela que Ifemelu vivencia múltiplas formas de opressão, tanto na Nigéria quanto nos Estados Unidos, enfrentando o racismo, o sexismo e as desigualdades de classe de modo entrelaçado. Seu corpo, cabelo, afetos e relações sociais são marcados por tensões identitárias que a obrigam a negociar constantemente sua existência. O blog criado pela personagem torna-se um espaço de resistência, denúncia e reflexão sobre sua condição como mulher negra imigrante. A trajetória de Ifemelu ilustra como a experiência das mulheres negras é atravessada por sistemas interseccionais de poder que dificultam sua plena afirmação. Assim, conclui-se que *Americanah* articula estética e crítica social de forma potente, reafirmando a relevância de uma abordagem interseccional e da valorização das vozes negras na literatura contemporânea.

Palavras-chave: feminismo negro; interseccionalidade; literatura; *Americanah*; mulher negra.

ABSTRACT. This research approaches Black Feminism and intersectionality in the novel *Americanah*, by Chimamanda Ngozi Adichie. The main objective is to analyze the protagonist Ifemelu as a black woman interpellated by stereotypes of gender, class, and race. The specific objectives include discussing feminist movements, the emergence of Black Feminism and intersectionality in the novel. The methodology is qualitative, based on bibliographic research, based on authors such as Simone de Beauvoir, Angela Davis, bell hooks, Djamila Ribeiro, Patricia Hill Collins, and Kimberlé Crenshaw, among others, focusing on a critical analysis of the narrative. The analysis reveals that Ifemelu experiences multiple forms of oppression, both in Nigeria and the United States, facing racism, sexism, and class inequalities in an intertwined way. Her body, hair, feelings, and social relationships are marked by identity tensions that force her to constantly negotiate her existence. The blog created by the character becomes a space for resistance, denunciation, and reflecting on her condition as a black immigrant woman. Ifemelu's

trajectory illustrates how the experience of black women is crossed by intersectional systems of power that hinder her full self-affirmation. Thus, the conclusion is that *Americanah* aesthetics and social criticism in a powerful way, reaffirming the relevance of an intersectional approach and the valorization of black voices in contemporary literature.

Keywords: Black Feminism; intersectionality; literature; *Americanah*; black woman.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa analisa o feminismo negro e a interseccionalidade no romance *Americanah* (2013), de Chimamanda Ngozi Adichie, com foco na protagonista Ifemelu, cuja trajetória evidencia os estereótipos de gênero e raça enfrentados por mulheres negras. Fundamentada no conceito de interseccionalidade formulado por Kimberlé Crenshaw e aprofundado por Patricia Hill Collins e Carla Akotirene, a investigação busca

compreender como diferentes sistemas de opressão se entrelaçam na experiência da personagem.

A relevância do estudo reside na necessidade de dar visibilidade às vivências de mulheres negras e imigrantes, frequentemente marginalizadas tanto na literatura quanto nos discursos feministas hegemônicos. Para isso, o trabalho dialoga com autoras como Simone de Beauvoir, bell hooks, Angela Davis e Djamila Ribeiro, que contribuem para ampliar o debate sobre inclusão e diversidade dos movimentos feministas.

Metodologicamente, a pesquisa adota caráter qualitativo e bibliográfico, examinando passagens do romance que ilustram como Ifemelu é interpelada por questões de classe, gênero e raça, desde a aparência física até o mercado de trabalho e os relacionamentos. Ao acompanhar sua vida entre Nigéria, Estados Unidos e o retorno ao país natal, observa-se como a experiência da diáspora intensifica a percepção de raça e gênero. É nos Estados Unidos, em especial, que Ifemelu se reconhece como mulher negra, vivenciando situações de racismo, pobreza e exclusão que revelam o impacto do entrelaçamento das opressões que se interpõem sobre mulheres negras.

Assim, o estudo propõe compreender a representação literária da mulher negra em *Americanah* como forma de ampliar os horizontes da crítica feminista, questionando sua tradição eurocêntrica, evidenciando perspectivas feministas plurais. Ao articular literatura e teoria feminista, busca-se destacar a importância de vozes diversas no campo acadêmico e cultural, reafirmando o papel do feminismo negro e da interseccionalidade na construção de uma crítica literária mais inclusiva e representativa.

1. FEMINISMOS PLURAIS: FEMINISMO NEGRO E INTERSECCIONALIDADE

Embora as teorias feministas clássicas tenham sido fundamentais para a emancipação das mulheres, elas frequentemente negligenciaram as experiências das mulheres não brancas. Sojourner Truth, em 1851, em seu icônico discurso *E eu não sou uma mulher?* mencionado por hooks (2014), já denunciava a exclusão das mulheres negras do debate feminista predominante.

Assim, o feminismo negro surge como resposta às limitações do feminismo hegemônico que, historicamente representou majoritariamente mulheres brancas de classes média e alta. Nos séculos XIX e XX, enquanto mulheres brancas lutavam por direitos ao voto e ao trabalho, muitas mulheres negras estavam em situações de extrema exploração, sendo escravizadas até fins do século XIX e, após as abolições, trabalhando

como babás, empregadas domésticas, em condições precárias. Essa discrepância reflete como as experiências de opressão variam de acordo com marcadores como raça e classe. Ignorar essas diferenças é perpetuar uma hierarquização dentro do próprio feminismo, onde algumas vozes são privilegiadas em detrimento de outras.

Nos anos 1980 e 1990, o feminismo negro e a interseccionalidade surgiram para preencher essa lacuna. Autoras como bell hooks e Kimberlé Crenshaw argumentaram que raça, classe e gênero se entrelaçam na opressão das mulheres negras. Essa abordagem ampliou o feminismo, tornando-o mais inclusivo e plural, ao considerar as diferentes realidades vividas pelas mulheres ao redor do mundo.

Reconhecer a pluralidade de experiências femininas é essencial para que o feminismo alcance seu objetivo de transformação social profunda e abrangente. As pautas das feministas brancas não contemplaram as realidades vividas por mulheres negras, indígenas e periféricas, que enfrentavam não apenas a opressão de gênero, mas também o racismo estrutural e as desigualdades socioeconômicas.

Um feminismo mais plural reconhece a interconexão entre diferentes sistemas de opressão, como o racismo, o classismo, a homofobia, o colonialismo, dentre outras opressões, ampliando significativamente o alcance da luta feminista. Esse olhar é indispensável para compreender como fatores como raça, classe, orientação sexual e contexto histórico moldam as realidades das mulheres de maneiras distintas e complexas. Autoras como bell hooks e Angela Davis desempenham um papel central ao iluminar essas conexões e propor estratégias inclusivas e transformadoras, que visam enfrentar as diversas formas de desigualdade.

bell hooks, em *Teoria feminista - da margem ao centro* (2020), ampliou a perspectiva feminista ao incluir as interseções de raça, classe e gênero. Para hooks, era essencial que a crítica feminista abordasse a exclusão histórica das mulheres negras, que viviam sob múltiplas camadas de opressão. Segundo hooks, “A literatura feminista deve refletir as experiências diversas das mulheres e não reproduzir a exclusão que as feministas criticam nos textos patriarcais”. (2014, p. 47)

Angela Davis, em *Mulheres, Raça e Classe*, faz uma análise crítica das primeiras ondas do feminismo, destacando como elas foram, em grande parte, dominadas pelas experiências de mulheres brancas de classe média, deixando de lado as múltiplas camadas de opressão vividas por mulheres negras. Segundo Davis:

A posição firmemente feminista de Anthony, [*Susan B. Anthony, líder sufragista nos Estados Unidos no século XIX*] também era reflexo

incondicional da ideologia burguesa. E foi provavelmente devido aos poderes enganadores da ideologia que ela não conseguiu perceber que tanto as mulheres da classe trabalhadora quanto as mulheres negras estavam fundamentalmente unidas a seus companheiros pela exploração de classe e pela opressão racista, que não faziam discriminação de sexo. Embora o comportamento sexista de seus companheiros, precisasse, sem dúvidas, ser contestado, o inimigo real- o inimigo comum- era o patrão, o capitalista ou quem quer que fosse responsável pelos salários miseráveis, pelas insuportáveis condições de trabalho e pela discriminação racista e sexista no trabalho. (Davis, 2016, p. 148)

Nesse contexto, as mulheres negras enfrentavam não apenas o sexismo, mas também o racismo e a exploração econômica, criando uma realidade que não era contemplada pelas pautas feministas tradicionais. A exclusão dessas questões dentro das pautas feministas evidenciava a necessidade urgente de um feminismo interseccional, capaz de considerar as diferentes formas de opressão que se entrelaçam e moldam as experiências das mulheres. Davis nos mostra, assim, o quanto o movimento sufragista, em sua maioria, falhou ao não reconhecer essas interseccionalidades, refletindo uma visão limitada que não contemplava a diversidade de realidades vividas por todas as mulheres.

De acordo com uma perspectiva plural do feminismo, não é possível separar as categorias de gênero, raça e classe, pois essas dimensões se entrelaçam nas experiências das mulheres negras. Enquanto os movimentos feministas iniciais, que nasceram brancos, frequentemente focavam no direito ao voto, na igualdade no mercado de trabalho e na liberdade sexual, as mulheres negras lidavam simultaneamente com as heranças da escravidão, as restrições impostas pelo racismo institucional e as barreiras da pobreza.

Além disso, é importante destacar como as mulheres negras desempenharam papéis centrais em movimentos sociais amplos, como o abolicionismo e os direitos civis nos Estados Unidos, sem, no entanto, receberem o reconhecimento devido. Essas mulheres não apenas lutavam por seus direitos individuais, mas também por suas comunidades, enfrentando o racismo estrutural e as consequências da desigualdade econômica que perpetuava sua exclusão social.

Neste ponto de vista, hooks redefine o feminismo como um movimento que busca erradicar todas as formas de opressão, e não apenas aquelas baseadas no gênero. Ao afirmar que o “feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e a opressão” (2019, p. 13), ela reforça a necessidade de uma luta inclusiva, capaz de abarcar a diversidade de vivências das mulheres.

Embora diversas autoras já pensassem em um feminismo interseccional, o termo “interseccionalidade” foi cunhado apenas em 1989 pela jurista Kimberlé Crenshaw. Ela comparou o entrecruzamento de opressões ao tráfego em uma avenida, onde diferentes

formas de discriminação se cruzam e se sobrepõem, criando experiências específicas de marginalização. A partir dessa formulação, teóricas como Sirma Bilge e Patricia Hill Collins aprofundaram o conceito. Elas apresentam a interseccionalidade como uma ferramenta analítica essencial para compreender como as categorias sociais moldam experiências individuais e coletivas. Bilge e Collins enfatizam que:

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária -entre outras- são interrelacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. (2021, p 15-16)

Inicialmente, o foco era nas questões raciais e de classe, mas com o tempo, algumas pensadoras perceberam que apenas a abordagem racial não explicava todas as opressões enfrentadas por mulheres negras e não brancas. A interseccionalidade não apenas amplia a compreensão das desigualdades, mas também oferece uma base para desenvolver estratégias transformadoras, como na formulação de políticas públicas e na promoção da justiça social.

No Brasil, esse feminismo tem sido fundamental para evidenciar as vivências das mulheres negras, muitas vezes invisibilizadas dentro das pautas tradicionais. Intelectuais como Lélia Gonzalez (1983), Djamila Ribeiro (2017) e Carla Akotirene (2019) passaram a destacar a importância de considerar múltiplas dimensões de opressão. Lélia Gonzalez introduziu o conceito de “amefricanismo”, que valoriza as raízes afrodescendentes das mulheres latino-americanas. Djamila Ribeiro reforça a necessidade de um feminismo plural, enquanto Carla Akotirene destaca a interseccionalidade como ferramenta essencial para compreender essas múltiplas opressões.

A inclusão dessas vozes não é apenas uma questão de justiça social, mas de eficácia. Um feminismo que não reconhece as realidades das mulheres negras, indígenas ou periféricas é incompleto e incapaz de enfrentar de forma ampla as estruturas de poder que sustentam as desigualdades. A invisibilização dessas mulheres dentro do movimento reflete a mesma lógica de exclusão que o feminismo pretende combater.

Portanto, é fundamental que mulheres brancas, que historicamente tiveram mais protagonismo dentro do feminismo, reconheçam seus privilégios e estejam abertas a ouvir e aprender com outras vivências. Essa autocrítica é essencial para construir alianças verdadeiramente solidárias e horizontais. Assim, o feminismo pode se tornar uma força

transformadora, capaz de promover mudanças reais para todas as mulheres, em toda a sua diversidade. Afinal, a luta feminista só será plena quando todas as mulheres forem incluídas e valorizadas.

Essa abordagem conecta-se ao trabalho de Chimamanda Ngozi Adichie, que busca representar as especificidades das mulheres africanas e da “diáspora” em suas obras. Adichie explora as experiências de exclusão, resistência e reinvenção que frequentemente passam despercebidas em narrativas feministas mais convencionais, que priorizam as vivências de mulheres brancas ocidentais de classes mais altas.

Ao figurar opressões interseccionais em sua escrita, Adichie segue a premissa de hooks, mostrando que a luta feminista deve ser ampla e inclusiva. Obras como *Americanah* e *Hibisco Roxo* revelam o entrelaçamento das opressões relacionadas ao gênero, raça, classe e cultura, destacando que não existe uma experiência única ou universal de ser mulher. Assim como hooks defende, Adichie utiliza sua literatura como uma ferramenta de transformação social, reafirmando que uma verdadeira crítica feminista só será eficaz se romper com exclusões e hierarquias internas, incluindo as vozes das mulheres mais vulnerabilizadas. Essa visão não apenas amplia os horizontes da literatura feminista, mas também propõe um movimento feminista global mais representativo e poderoso.

Outro exemplo dessa abordagem transformadora é o trabalho de Toni Morrison, que não apenas desafiou a literatura tradicional ao centrar as narrativas em personagens negras, mas também expôs como as mulheres negras eram marginalizadas tanto na sociedade quanto nos textos literários. Sua obra *Amada* (2007) é emblemática nesse sentido, ao mostrar como as histórias de dor e resistência das mulheres negras são fundamentais para entender o passado e as lutas contínuas por igualdade. Essas escritoras e teóricas não apenas desafiaram as estruturas “patriarcais” em suas obras, mas também redefiniram os rumos da literatura feminista. Elas posicionaram as experiências de mulheres marginalizadas no centro das narrativas, ampliando o alcance do movimento feminista e proporcionando uma visão mais inclusiva e multifacetada da luta por igualdade.

Escritoras como as mencionadas não apenas questionaram as bases culturais que sustentavam o patriarcado, mas também contribuíram para expandir os horizontes da literatura. A crítica feminista na literatura não é apenas um campo de estudo, mas um movimento que continua a lutar pela transformação social. Desde a necessidade de um “teto próprio” até as questões interseccionais, ela desafia não apenas o “patriarcado”, mas

também as narrativas “unidimensionais”, buscando representar a diversidade da experiência humana.

2. CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE E A CRÍTICA

Chimamanda Ngozi Adichie é uma escritora, feminista e intelectual nigeriana amplamente reconhecida no cenário literário e feminista mundial. Sua abordagem direta e inclusiva sobre o feminismo está refletida em seu livro *Sejamos Todos Feministas*:

O feminismo faz, obviamente, parte dos direitos humanos de uma forma geral – mas escolher uma expressão vaga como direitos humanos é negar a especificidade e particularidade do problema de gênero. Seria uma maneira de fingir que as mulheres não foram excluídas ao longo dos séculos. Seria negar que a questão de gênero tem como alvo as mulheres. (Adichie, 2015, p.42-43)

Essa visão reflete seu compromisso em desafiar preconceitos e ampliar as perspectivas sobre gênero e identidade. Nascida em 1977, em Enugu, Nigéria, Chimamanda Ngozi Adichie cresceu em Nsukka e, após iniciar estudos em Medicina, mudou-se para os Estados Unidos, onde se formou em Comunicação e Ciências Políticas, além de concluir mestrados em Escrita Criativa, na Universidade Johns Hopkins e Estudos Africanos, em Yale. (Santana, 2020).

Reconhecida por unir o pessoal ao político, Adichie aborda em suas obras temas como identidade, racismo, colonialismo e desigualdades de gênero, destacando protagonistas mulheres complexas e independentes, como em *Hibisco Roxo* (2003), *Meio Sol Amarelo* (2006) e *Americanah* (2013). Sua escrita contribui para desconstruir estereótipos e valorizar a diversidade cultural africana.

No campo feminista, ganhou projeção internacional com a palestra *Sejamos Todos Feministas*, que ampliou o debate sobre igualdade de gênero em escala global. Sua defesa de um feminismo interseccional ressalta as experiências específicas de mulheres negras africanas e critica a limitação de um feminismo ocidental que muitas vezes ignora o Sul Global. Combinando sensibilidade literária e ativismo, Adichie se consolidou como uma das vozes mais influentes do século XXI, inspirando leitores e movimentos sociais em todo o mundo (Santana, 2020).

O romance *Americanah*, objeto desta pesquisa, narra a trajetória de Ifemelu, uma jovem nigeriana que migra para os Estados Unidos. A partir de suas experiências de adaptação, exclusão racial e redefinição identitária, a narrativa articula questões de racismo, imigração e pertencimento. O blog criado pela protagonista, “Observações de

uma Negra Não-Americana sobre Raça”, torna-se espaço crítico de reflexão sobre as dinâmicas raciais nos EUA, ao mesmo tempo em que a trama explora sua relação com Obinze, jovem nigeriano que enfrenta o desafio da ilegalidade na Inglaterra.

3. A LITERARIEDADE EM *AMERICANAH*

Americanah conta a história de Ifemelu, uma jovem nigeriana que deixa a Nigéria para estudar nos Estados Unidos, onde enfrenta dificuldades de adaptação, experiências de trabalho, estudos e relacionamentos enquanto tenta construir uma nova vida. Ao longo do tempo, ela cria um blog em que comenta situações do cotidiano e as experiências que observa no contexto estadunidense. Depois de muitos anos vivendo fora e sentindo-se cada vez mais distante de suas raízes, Ifemelu decide retornar à Nigéria, onde reencontra pessoas do seu passado, revisita sua antiga vida e busca reconstruir seu lugar no país que deixou ainda jovem. Dessa forma, o título da obra refere-se a um termo usado para descrever nigerianos que retornam dos Estados Unidos trazendo consigo hábitos adquiridos no exterior.

Em *Americanah*, Chimamanda Ngozi Adichie constrói uma narrativa que articula forma literária e crítica social. O narrador é heterodiegético em terceira pessoa, com foco predominantemente onisciente, pois mergulha na interioridade das personagens, especialmente de Ifemelu, revelando como experiências de raça, gênero e classe atravessam sua trajetória. O foco narrativo, mesmo externo, aproxima o leitor das subjetividades, traduzindo afetos, tensões e resistências que moldam a condição da mulher negra na diáspora.

Um exemplo dessa articulação aparece quando o narrador descreve a relação da protagonista com seu blog: “Ifemelu sentia-se consumida por seu blog. Ela se tornara seu blog.” (Adichie, 2014, p.332). A escrita, além de recurso narrativo, simboliza resistência e autorreflexão, funcionando como espaço de denúncia das exclusões impostas pelo racismo e pelo sexismo. O literário, aqui, reforça o político.

Essa fusão também se manifesta na representação do corpo negro. Quando Ifemelu retorna ao trabalho com o cabelo natural, após anos de alisamento, ouve dos colegas: “Você está diferente. Significa alguma coisa? Tipo, algo político?” (Adichie, 2014, p.230). O comentário revela como escolhas estéticas das mulheres negras são sempre politizadas. A metáfora do cabelo, tratada de forma lírica no trecho em que a protagonista se apaixona por sua própria imagem no espelho “Num dia comum do início da primavera [...] Ifemelu

simplesmente se apaixonou por seu cabelo” – Adichie, 2014, p.321-322), reforça a dimensão simbólica da autoaceitação. A linguagem poética, ao associar a primavera ao renascimento, traduz a resistência subjetiva diante das opressões.

A crítica à ausência de representatividade midiática é outro ponto central: “Três mulheres negras em cerca de duas mil páginas, todas mestiças ou racialmente ambíguas... Nenhuma se parece comigo.” (Adichie, 2014, p.320). O narrador, ao dar voz à consciência de Ifemelu, denuncia o apagamento de corpos negros e evidencia a naturalização da exclusão em espaços de visibilidade pública. A observação, ao mesmo tempo direta e literariamente marcada pelo exagero, mostra como o estilo narrativo potencializa a denúncia social.

A trajetória de Obinze, namorado de Ifemelu na adolescência, por sua vez, explicita outras dimensões da interseccionalidade. Como imigrante ilegal no Reino Unido, ele enfrenta invisibilidade e apagamento, enquanto sua posterior ascensão econômica na Nigéria expõe contradições do neoliberalismo global. O contraste entre sua contenção emocional e a assertividade de Ifemelu materializa diferentes experiências da diáspora. Ao redor deles, personagens secundários como Curt, Blaine, Kimberly e tia Uju revelam nuances de privilégios e estratégias de sobrevivência, compondo um mosaico interseccional de raça, classe e gênero.

A temporalidade fragmentada e a alternância espacial também reforçam a condição migratória. Os deslocamentos entre Nigéria, Estados Unidos e Reino Unido não apenas situam a trama, mas simbolizam pertencas inacabadas e identidades em trânsito. Espaço e tempo, tratados como recursos literários, intensificam a experiência da diáspora como estado de deslocamento permanente.

No desfecho, o reencontro de Ifemelu e Obinze não é marcado pela idealização romântica, mas pela consciência das cicatrizes deixadas pelas trajetórias individuais. “Obinze sentiu um enjoo [...] É claro que ela sabia que ele a amava.” (Adichie, 2014, p.491). O lirismo contido desse momento traduz a reinvenção dos afetos em meio a perdas e reconstruções, reafirmando que a autonomia da mulher negra passa também pela possibilidade de amar sem se apagar.

Assim, em *Americanah*, forma e conteúdo se imbricam: metáforas, lirismo e estrutura narrativa não são ornamentos, mas modos de tornar visíveis as exclusões, resistências e reinvenções vividas por mulheres negras. A literariedade, ao ser atravessada pela crítica interseccional, transforma a experiência estética em potência política.

4. OPRESSÕES INTERSECCIONAIS EM *AMERICANAH*

Em *Americanah*, a personagem Ifemelu enfrenta diversas situações que ilustram como as opressões interseccionais – relacionadas à raça, gênero e classe – moldam sua experiência como mulher negra e imigrante. A transição entre a Nigéria e os Estados Unidos é central para a narrativa, pois a mudança de espaço revela diferentes formas de opressão. Na Nigéria, as questões de classe social predominam, enquanto nos EUA a racialização de Ifemelu a coloca à margem da sociedade. O narrador, heterodiegético, utiliza um estilo de discurso livre indireto, permitindo ao leitor vivenciar os dilemas internos da protagonista enquanto ela lida com o estranhamento entre as duas culturas. Através dessa perspectiva, a narrativa revela como as camadas de identidade de Ifemelu se desenvolvem e se ajustam à medida que ela reflete sobre sua experiência, destacando as tensões entre passado e presente, e entre a Nigéria e os EUA.

Ifemelu percebe as profundas diferenças entre sua vida na Nigéria e o contexto racial dos Estados Unidos. Ao chegar, ela se depara com a necessidade de se adaptar a padrões culturais desconhecidos, incluindo pressões para modificar sua aparência e questionar sua identidade. Um exemplo significativo dessa diferença cultural está em sua dificuldade para encontrar uma trancista nos Estados Unidos. Ifemelu percebe que, em um país onde a maioria da população de classe média e alta é branca, com cabelos lisos e loiros, a presença de espaços que atendem às necessidades de pessoas negras é limitada. A ausência de trancistas reflete não apenas a predominância de padrões estadunidenses, mas também a hegemonia racial. Segundo Almeida, a hegemonia racial é uma forma de:

[...] dominação que é exercida não apenas pelo exercício bruto do poder, pela pura força, mas também pelo estabelecimento de mediações e pela formação de consensos ideológicos. A dominação racial é exercida pelo poder, mas também pelo complexo cultural em que as desigualdades, a violência e a discriminação racial são absorvidas como componentes da vida social (Almeida, 2018, p. 58-59)

Essa busca por algo aparentemente simples, como cuidar do próprio cabelo, simboliza um embate maior: a luta de Ifemelu para preservar sua identidade em um ambiente que não a reconhece ou valoriza plenamente. Esse cenário reflete resquícios de segregações raciais e a busca histórica por uma hegemonia racial, ou seja, pela imposição de uma única raça dominante. Por meio desses pequenos desafios cotidianos, a narrativa evidencia as tensões enfrentadas por imigrantes negros ao navegar em espaços dominados por normas culturais e raciais distintas das suas.

Ademais, é imprescindível reconhecer a alta influência das propagandas americanas no universo feminino, que frequentemente promovem padrões de beleza estadunidenses. Na narrativa de Ifemelu, essa influência manifesta-se na forma de pressões para alisar os cabelos, reforçando a necessidade de adaptação a normas estéticas que priorizam a aparência em detrimento da identidade.

Essa tentativa de imposição estética não é apenas uma questão de consumo, mas também um reflexo das dinâmicas de poder que moldam padrões culturais e reafirmam a dominação racial. Ifemelu, entretanto, questiona essas normas e resiste, demonstrando como o cuidado com seu cabelo é um ato de afirmação de sua identidade e uma forma de resistência às expectativas impostas. Sua amiga Ruth, uma mulher branca, reforça essa pressão ao aconselhá-la: “[...] tire essas tranças e alise o cabelo. Ninguém fala nessas coisas, mas elas importam. A gente quer que você consiga esse emprego.” (Adichie, 2014, p.220). Sua tia Uju havia dado um conselho semelhante no passado. Na época, Ifemelu riu, mas agora, nos Estados Unidos, ela compreendia o peso dessas palavras. Para conseguir o emprego de babá, ela precisaria alisar o cabelo, pois sabia que, para muitos, sua aparência importava mais do que suas qualificações ou sua personalidade.

Desde que chegou aos Estados Unidos, Ifemelu trançava os cabelos com longos apliques, mesmo espantada com o custo. Cada penteado era mantido por meses, até que o desconforto físico a obrigasse a desfazê-lo. Para que Ifemelu pudesse cuidar de seu cabelo, havia estabelecimentos em bairros distantes onde ela conseguia fazer suas tranças, que:

Ficavam na parte da cidade onde havia muros pichados, prédios cujo interior era escuro e úmido e onde não se via nem uma pessoa branca; tinham letreiros coloridos com nomes como Salão Especializado em Tranças Africanas Aisha ou Fatima, tinham aquecedores que faziam a temperatura subir demais no inverno e aparelhos de ar condicionado que não esfriavam o ar no verão, e estavam repletos de funcionárias francófonas da África Ocidental, sendo que uma delas seria a proprietária, aquela que falava inglês melhor, atendia o telefone e era respeitada pelas outras. (Adichie, 2014, p.16)

O local onde as trancistas, imigrantes e negras como ela, trabalhavam evidencia a situação de marginalização comum a estas mulheres. São bairros periféricos, pobres, povoados por iguais. Neste sentido, fica clara a condição de exclusão social das pessoas negras na sociedade estadunidense, pessoas marcadas pela sua negritude, seu país de origem, sua classe social. O fato de Ifemelu não conseguir achar trancistas no bairro onde mora ou trabalha pode indicar que as mulheres negras de classe social média ou alta não costumam (ou não devem?) usar tranças.

O narrador de *Americanah* frequentemente recorre à ironia para expor as contradições do meio em que Ifemelu transita. A narrativa assume um tom sutilmente mordaz ao descrever a exclusividade de Princeton e a ausência de espaços que atendam às necessidades de pessoas negras. A ironia se manifesta na naturalização dessa exclusão, como se, por exemplo, a falta de um salão especializado fosse algo esperado, quase lógico. Ifemelu percebe essa ausência não como um simples acaso, mas como um reflexo de um espaço projetado para um determinado tipo de pertencimento. Isso se evidencia no seguinte trecho:

Não era surpreendente que não houvesse um salão especializado em Princeton — os poucos negros que ela vira ali tinham a pele tão clara e o cabelo tão liso que era difícil imaginá-los usando tranças —, mas, enquanto esperava o trem na Princeton Junction, numa tarde incandescente de calor, Ifemelu se perguntou por que não havia um lugar ali onde pudesse fazer suas tranças. (Adichie, 2014, p.10)

A passagem apresenta uma observação cotidiana — a necessidade de se deslocar para um local distante para fazer o cabelo — mas, por trás disso, há uma crítica sutil sobre pertencimento e exclusão. Ifemelu percebe que a ausência de salões para tranças em Princeton não é por acaso; há uma ausência de pessoas como ela naquele espaço. Ao descrever os poucos negros que vê como pessoas de pele mais clara e cabelo liso há uma sugestão de que mesmo dentro da identidade negra, existe um filtro de aceitação naquele ambiente. Além disso, a pergunta final parece ingênua, mas carrega um peso social: a falta do salão não é apenas uma questão comercial, mas um reflexo da exclusão de certos corpos e estéticas.

Por isso, em algum momento da narrativa, pressionada, Ifemelu decide alisar o cabelo. Alisar os cabelos seria uma nova experiência, um passo que simbolizava não apenas uma mudança estética, mas também uma concessão à pressão social. Esse momento evidencia como o cabelo de Ifemelu funciona como um marcador racial e identitário. A decisão de alisar o cabelo, incentivada tanto por Ruth quanto por Tia Uju, reflete as tensões entre a conformidade e a resistência. Ruth, como mulher branca, via o alisamento como uma forma de facilitar a integração de Ifemelu. Já sua Tia Uju, apesar de ser negra, reconhecia as dificuldades de navegar em um ambiente dominado por padrões estadunidenses. No entanto, para Ifemelu, o cabelo era muito mais do que uma questão de estética: era uma expressão de sua história e de sua identidade. Ceder temporariamente às pressões externas, alisando o cabelo, simbolizava os desafios

enfrentados por mulheres negras diante de padrões de beleza impostos, mas também reforçava sua consciência crítica e resistência ao longo da narrativa.

O cabelo de Ifemelu pendia em vez de se manter armado. Estava liso e cintilante, dividido na lateral e virando levemente para dentro na altura do queixo. Não tinha mais cachos. Ela não se reconheceu. Saiu do salão quase de luto; enquanto a cabeleireira alisava as pontas com um ferro, o cheiro de queimado, de algo orgânico morrendo, causou nela uma sensação de perda. (Adichie, 2014, p.221)

Embora Ifemelu tenha cedido por um breve momento, alisar o cabelo representou, para ela, uma desconexão temporária de suas raízes, que, desde sempre, haviam sido desvalorizadas e marginalizadas. Há a morte de algo em si, a morte de sua identidade, de sua história, de sua cultura, manifestadas pelo cabelo. Mas, ao longo da história, vemos sua transformação: ela decide abandonar os alisamentos, corta o cabelo e, com isso, simbolicamente, rompe com as expectativas sociais. Essa mudança gerou críticas e julgamentos, já que, em muitos contextos, uma mulher de cabelo curto é associada à quebra de normas de feminilidade, frequentemente estigmatizada com rótulos como lésbica, masculina.

Ifemelu procurou uma tesoura. Wambui cortou seu cabelo, deixando apenas dois dedos, as pontas que haviam crescido desde que ela o relaxara da última vez. Ifemelu olhou no espelho. Ela estava com os olhos enormes e uma cabeça enorme. Na melhor das hipóteses, parecia um menino; na pior, um inseto. “Estou tão feia. Dá até medo.” “Você está linda. Dá para ver muito bem sua estrutura óssea agora. Não está acostumada a se ver assim, só isso. Vai se acostumar”, afirmou Wambui. (Adichie, 2024, p.226-227)

Isso reflete como os padrões de beleza e de gênero foram historicamente impostos às mulheres, delimitando não apenas suas escolhas estéticas, mas também suas possibilidades de existir fora dessas normas e, no caso de mulheres negras, há a imposição de uma estética branca, uma opressão interseccional, não é somente a estética do cabelo, mas do cabelo de pessoas brancas. Inicialmente, Ifemelu se sente incompleta:

Ifemelu ainda estava olhando, espantada, para seu cabelo. O que ela tinha feito? Parecia inacabada, como se o próprio cabelo, curto e espetado, estivesse pedindo atenção, pedindo que algo fosse feito com ele, pedindo mais. Depois que Wambui foi embora, ela foi à farmácia com o boné de Curt enfiado na cabeça. Comprou óleos e géis, aplicando um depois do outro, primeiro no cabelo molhado e depois no seco, desejando que um milagre indefinido acontecesse. Alguma coisa, qualquer coisa, que fizesse seu cabelo parecer cabelo. (Adichie, 2024, p.226-227)

No caso das mulheres negras, esses padrões sempre estiveram associados a uma estrutura de opressão mais ampla. Durante a escravidão, muitas mulheres negras tiveram

seus corpos explorados, suas cabeças raspadas e suas identidades desumanizadas. O cabelo, que deveria ser um símbolo de conexão com suas origens e cultura, era apagado como parte de um processo de submissão. Essa história de violência ecoa ainda hoje, quando escolhas estéticas das mulheres negras são politizadas ou questionadas, mesmo que se trate de algo tão pessoal quanto um corte de cabelo.

A trajetória de Ifemelu demonstra como o cabelo vai muito além da aparência: ele se torna um ato de resistência e reafirmação de identidade. Ao escolher não se submeter aos padrões estadunidenses, ela rejeita a imposição histórica de controle sobre o corpo negro e reivindica sua autonomia. Sua história é um lembrete significativo de que, para muitas mulheres negras, as escolhas estéticas são inseparáveis da luta por liberdade e reconhecimento.

Ifemelu experimenta o racismo também no meio acadêmico, percebendo que sua identidade como negra não americana é constantemente questionada. Ela observa a forma como negros nos EUA são vistos como um grupo homogêneo e é forçada a redefinir sua posição nesse cenário. Isso se exemplifica no seguinte trecho:

Se perguntavam o que Ifemelu fazia, ela respondia vagamente: 'Tenho um blog sobre comportamento'. Porque dizer: 'Tenho um blog anônimo chamado Raceteenth ou Observações diversas sobre negros americanos (antigamente conhecidos como crioulos) feitas por uma negra não americana' os deixava constrangidos. (Adichie, 2014, p. 10)

Esse trecho ilustra como o desconforto em lidar com questões raciais afeta não apenas Ifemelu, mas também a sociedade americana como um todo. O blog de Ifemelu é uma forma de resistência e crítica, que confronta a invisibilidade e os estereótipos impostos sobre negros nos EUA. Esse cenário reflete o conceito de identidade interseccional. Crenshaw afirma que:

[...] interseccionalidade é uma lente através da qual você pode ver onde o poder vem e colide, onde ele se interliga e se cruza. Não é simplesmente que haja um problema de raça aqui, um problema de gênero aqui e um problema de classe ou LGBTQ ali. Muitas vezes, essa estrutura apaga o que acontece com as pessoas que estão sujeitas a todas essas coisas. (online, 2017,[s.p.])

Como mulher negra, Ifemelu enfrenta a desconfiança de um ambiente dominado pela branquitude, mas também carrega o peso do julgamento vindo de mulheres que não reconhecem a luta comum contra o machismo. A falta de sororidade, em especial entre mulheres de diferentes origens e experiências, revela como o sistema patriarcal divide e enfraquece os movimentos femininos.

Além disso, mulheres negras, por estarem historicamente em posições marginalizadas, precisam constantemente justificar sua presença em espaços de poder e privilégio. Como Ifemelu demonstra ao longo da narrativa, essa luta não é apenas por reconhecimento, mas por um espaço onde sua identidade completa – como mulher, negra e não americana – possa ser legitimada e respeitada.

Embora qualificada, com formação em comunicação pela Universidade de Nsukka, na Nigéria, Ifemelu enfrenta dificuldades para conseguir emprego nos Estados Unidos. Em uma ocasião, foi contratada como babá, um trabalho frequentemente subvalorizado e tradicionalmente associado a mulheres negras e imigrantes. Apesar de sua consciência sobre suas qualificações, isso não era suficiente para ser considerada igual em um mercado saturado de preconceitos.

Havia jornais espalhados pelo chão com anúncios de empregos circulados à caneta. Ifemelu pegou um e folheou, vendo anúncios que já lera. Mais uma vez, a seção de ACOMPANHANTES chamou sua atenção. Ginika dissera: “Esqueça esse negócio de acompanhante. Eles dizem que não é prostituição, mas é, e o pior é que você recebe um quarto do que ganha, se tanto, porque a agência fica com o resto. Conheço uma menina que fez isso no primeiro ano de faculdade”. Ifemelu leu o anúncio e, de novo, pensou em ligar, mas não ligou, porque estava torcendo para que a última entrevista que tinha feito, para uma vaga de garçomete num pequeno restaurante que não pagava salário, só repassava as gorjetas, desse resultado. Disseram que iam ligar até o fim do dia caso o emprego fosse dela; esperou até bem tarde, mas não ligaram. (Adichie, 2014, p.166)

A dificuldade de Ifemelu para encontrar um emprego digno reflete o que Akotirene descreve como “colisão de barreiras identitárias”, ao explicar a teoria interseccional de Crenshaw:

[...] a entrada das mulheres e dos negros no mercado de trabalho se, a bem da verdade, as mulheres trabalhavam na parte administrativa da General Motors e os negros nas funções que exigiam força física, linha de montagem. Nenhum dos homens pretos reclamantes nos tribunais precisaria combinar duas causas numa ação para serem entendidos pelo juiz, enfim, eram negros, as mulheres brancas também não precisavam combinar duas marcações identitárias numa ação por serem apenas mulheres a classe trabalhadora dirige-se a nós por não sermos capitalistas, o cruzamento do racismo e sexismo geram vulnerabilidades e ausência de seguridade social para mulheres negras [...] a colisão entre avenidas identitárias promotoras de barreiras raciais e sexistas para mulheres negras que em tese não se encaixavam nos tipos de trabalhos oferecidos as mulheres e nem elegíveis pela multinacional aos homens negros explicitamente trata-se de discriminação interseccional combinada racialmente para contratação de pessoas negras por política de gênero. (Akotirene, 2019, p.37)

Dessa forma, mulheres negras ficam à margem, sem se encaixarem nos papéis atribuídos às mulheres em geral e sem serem elegíveis para posições designadas aos

homens negros. Assim, preconceitos de raça e gênero se sobrepõem, restringindo as oportunidades dessas mulheres em alcançar posições de poder e reconhecimento.

Essa realidade é exacerbada pela falta de políticas inclusivas que reconheçam as opressões interseccionais que recaem sobre mulheres não brancas e abordem as barreiras específicas enfrentadas por mulheres negras.

A resistência de Ifemelu começa a se manifestar de forma mais contundente através de seu blog, onde ela denuncia os estereótipos e a invisibilidade impostos sobre os negros nos EUA. Seu trabalho é uma forma de reivindicar um espaço onde suas múltiplas identidades possam coexistir e ser respeitadas. Ela não apenas questiona o *status quo*, mas também desafia as normas sociais que tentam silenciá-la. Ao lidar com os desafios do mercado de trabalho e as relações interpessoais, Ifemelu representa a luta contínua das mulheres negras por reconhecimento e legitimidade. Ifemelu passa a ser crítica sobre a cultura e a identidade dos sujeitos negros nos Estados Unidos:

O homem branco de dread [...] ‘Esse negócio de raça é totalmente exagerado hoje, os negros precisam desencanar, é tudo questão de classe agora, os opressores e os oprimidos’, dissera ele sem hesitar, e Ifemelu havia usado a frase para abrir seu post intitulado ‘Nem todos os caras brancos de dread estão na nossa’. (Adichie, 2014, p.10-11)

Aqui, a ironia está na forma como Ifemelu transforma o discurso do homem branco em material para seu blog. O título que ela escolhe — “Nem todos os caras brancos de dread estão na nossa” — já contém uma resposta irônica: a escolha do penteado não faz dele aliado na luta racial. O que ele diz também reflete um apagamento das desigualdades raciais, reduzindo tudo a uma questão de classe, um discurso que ignora as especificidades do racismo. A construção do romance permite que o leitor perceba a contradição na fala do homem sem que Ifemelu precise refutá-la explicitamente. A simples escolha de colocar sua frase no blog, e o título sarcástico, já são suficientes para desmontar o argumento.

Nos EUA, Ifemelu inicia relacionamentos amorosos com homens de diferentes contextos culturais, enfrentando desafios que evidenciam as barreiras culturais e raciais. Os relacionamentos de Ifemelu com Curt e Blaine representam dois tipos distintos de dinâmicas interpessoais, que evidenciam as camadas de privilégio e opressão que permeiam sua identidade como mulher negra, imigrante e africana nos Estados Unidos.

No relacionamento com Curt, um rico homem branco americano, Ifemelu encontra uma vida aparentemente despreocupada e cheia de oportunidades para vivenciar experiências novas. Ela sente que está “vestindo um papel”, o da “Namorada de Curt”, e assume um estilo de vida completamente diferente de sua realidade prévia.

Com Curt Ifemelu se tornou, em sua mente, uma mulher livre de pesos e preocupações, uma mulher correndo na chuva com o gosto de morangos cálidos de sol na boca. “Um drinque” tornou-se parte da arquitetura de sua vida, mojitos e martinis, drinques transparentes e secos, drinques vermelhos e frutados. Com ele, Ifemelu foi escalar, andar de caiaque, acampar perto da casa de campo da família dele, todas coisas que jamais se imaginara fazendo antes. Estava mais leve e mais esguia; era a Namorada de Curt, um papel que vestiu como quem usava o vestido preferido, de caimento perfeito. Ifemelu ria mais porque ele ria tanto. O otimismo de Curt a cegava. Ele era cheio de planos. “Tive uma ideia!”, dizia sempre. Ela o imaginou quando criança, cercado de brinquedos demais com cores vivas, sempre sendo encorajado a realizar “projetos”, sempre com alguém a lhe dizer que suas ideias prosaicas eram maravilhosas. “Vamos para Paris amanhã!”, disse Curt certo fim de semana. “Sei que não é nada original, mas você nunca foi e vou amar mostrar a cidade para você!” (Adichie, 2014, p.213-214)

Embora Curt a trate “bem” e a introduza em seu mundo privilegiado, a relação é marcada por uma desconexão cultural e racial. Curt não compreende as nuances da identidade de Ifemelu como mulher negra e imigrante. Ele pode proporcionar “conforto material”, mas nunca consegue acessar completamente a profundidade da vivência racial e cultural dela. Nesse sentido, Ifemelu acaba desempenhando um papel de conformidade para se ajustar ao mundo dele, o que revela as intersecções entre raça, gênero e classe social. Curt é um homem branco rico, que goza de liberdade e otimismo, enquanto Ifemelu, como mulher negra, imigrante e africana, tem sua identidade constantemente moldada por um contexto social onde esses aspectos são subordinados.

Com Blaine, um negro americano, ela sente que precisa constantemente explicar sua perspectiva como uma “negra não-americana”. Ifemelu vivencia outro tipo de relação, que, embora baseada em uma conexão racial compartilhada, é marcada por tensões culturais e intelectuais. Blaine é descrito como um intelectual interessado em questões políticas, e espera que Ifemelu alinhe seus interesses aos dele. Blaine influencia a relação ao corrigir constantemente e exigir um padrão mais elevado no trabalho e comportamento dela.

De início, entusiasmada com o interesse de Blaine, reverenciando sua inteligência, Ifemelu deixava-o ler os posts antes de publicá-los. Ela não pedia sugestões dele, mas devagar começou a fazer mudanças, a acrescentar e remover coisas por causa do que dizia. Depois, começou a se ressentir disso. Seus posts estavam acadêmicos demais, parecidos demais com Blaine. [...] ‘Lembre que as pessoas não leem você como entretenimento, mas como uma avaliação da nossa cultura. É uma grande responsabilidade. Existem jovens escrevendo trabalhos de faculdade sobre seu blog’, disse Blaine.” (Adichie, 2014, p. 337–338).

Nesta perspectiva, o relacionamento entre Ifemelu e Blaine em *Americanah* pode ser analisado sob a ótica da teoria feminista interseccional, levando em conta como o

sexismo e a raça se entrelaçam. Blaine, como um homem negro americano e professor acadêmico, ocupa uma posição de privilégio intelectual em comparação a Ifemelu, que, como mulher negra e imigrante, sente a necessidade de legitimar continuamente suas opiniões e escolhas. Apesar de ser progressista e acadêmico, Blaine adota uma postura de superioridade intelectual em relação a Ifemelu, o que pode ser interpretado como um reflexo do sexismo estrutural. Ele assume o papel de “professor”, corrigindo Ifemelu, especialmente em questões de ativismo e moralidade. Embora não haja desrespeito explícito, a dinâmica de poder entre eles reflete padrões tradicionais de gênero que colocam o homem, mesmo quando negro, em uma posição de autoridade sobre a mulher.

Os dois trechos analisados demonstram como as experiências amorosas de Ifemelu são moldadas por diferentes formas de opressão e privilégio, e como essas dinâmicas podem ser compreendidas a partir da teoria da interseccionalidade. No relacionamento com Curt, o privilégio racial e de classe dele cria uma desconexão emocional e cultural significativa. Ifemelu é tratada como um “escape exótico” dentro de um mundo de privilégios brancos e de uma vida materialmente confortável. Nesse contexto, sua identidade como mulher negra e imigrante é marginalizada e relegada a segundo plano, enquanto ela desempenha o papel da “namorada de Curt”. A relação evidencia como a interação entre raça e classe social influencia as dinâmicas de poder, colocando Curt em uma posição de privilégio que ofusca as vivências de Ifemelu.

Adicionalmente, o relacionamento com Blaine, embora inicialmente fundamentado em uma conexão racial compartilhada, revela tensões culturais e divergências de expectativas intelectuais. Blaine, como homem negro americano, possui uma perspectiva distinta em comparação à de Ifemelu, uma mulher negra africana imigrante. A diferença cultural entre eles torna-se um ponto de atrito, especialmente porque Blaine frequentemente critica ou corrige as escolhas de Ifemelu, o que reforça uma hierarquia intelectual dentro do relacionamento. Essa dinâmica demonstra que o racismo, embora presente, não é a única estrutura de opressão; o contexto cultural, as “expectativas de gênero” e os padrões intelectuais também desempenham papéis importantes na relação.

Evidencia-se que a interseccionalidade ajuda a compreender que as experiências de Ifemelu são mais complexas do que simplesmente “ser mulher negra”. Suas identidades de gênero, raça, cultura e imigração se cruzam, criando camadas distintas de opressão e privilégio que se manifestam de formas específicas em cada relacionamento. Enquanto Curt a coloca em uma posição de exotismo e deslocamento cultural, Blaine a

submete a padrões intelectuais que desconsideram sua perspectiva individual e sua experiência como uma negra não nascida nos Estados Unidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo principal analisar a protagonista Ifemelu, do romance *Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie, sob a perspectiva do feminismo negro e da interseccionalidade. Com base em uma abordagem qualitativa e bibliográfica, discutiu-se como as opressões de gênero, raça e classe moldam a subjetividade da personagem em diferentes contextos — desde a Nigéria até os Estados Unidos. Para isso, foram mobilizadas teorias feministas clássicas e interseccionais, como as de Simone de Beauvoir, bell hooks, Angela Davis, Djamila Ribeiro, Patricia Hill Collins e Kimberlé Crenshaw.

A análise revelou que a trajetória de Ifemelu representa, com profundidade e sensibilidade, os múltiplos atravessamentos vividos por mulheres negras, especialmente em contextos migratórios. A obra evidencia como questões ligadas ao corpo, ao pertencimento e à identidade são constantemente definidas por expectativas sociais e raciais que limitam e violentam a existência dessas mulheres. A metáfora do cabelo, o desconforto diante do racismo velado e o uso do *blog* como ferramenta de resistência mostram como a literatura pode operar como denúncia e como espaço de visibilidade.

Com isso, conclui-se que *Americanah* oferece uma contribuição fundamental para a crítica literária feminista contemporânea. Ao representar uma mulher negra em sua complexidade, a obra amplia o escopo das discussões feministas e ressalta a importância de um movimento que seja, de fato, plural e inclusivo. A teoria da interseccionalidade, nesse sentido, mostra-se indispensável para compreender não só a trajetória de Ifemelu, mas também os desafios enfrentados por tantas outras mulheres cujas vozes ainda são silenciadas. Um feminismo que não reconhece essa diversidade permanece incompleto.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Americanah**. Trad. Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Trad. Christina Baum. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Jandaíra, 2021.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**. Trad. Sérgio Milliet. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BILGE, Sirma; COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade**. Trad. Rane Souza. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2021.
- CRENSHAW, Kimberlé. **Kimberlé Crenshaw sobre a interseccionalidade, mais de duas décadas depois**. 2017. Disponível em: <https://www.law.columbia.edu/news/archive/kimberlecrenshaw-intersectionality-moretwo-decades-later>. Acesso em: 03 fev. 2025.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Regina Candiani. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- hooks, bell. **Não sou eu uma mulher: mulheres negras e feminismo**. 1.ed. Rio de Janeiro: Plataforma Gueto, 2014.
- hooks, bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. Tradutor Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Trad. Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.
- SANTANA, Rafael Barbosa de Jesus. **História e literatura: as contribuições de Chimamanda Adichie para com a história recente da Nigéria**. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-BA, 2020, Bahia. Anais [...]. 2020. Disponível em: <https://www.encontro2020.bahia.anpuh.org/resources/anais/19/anpuh-baeeh2020/158905960>